O LIQUIDIFICADOR DE JOÃO DA SILVA II

Por: Arnaldo Lemos Filho

Quando João deixou de ser dono do próprio trabalho

No artigo anterior, vimos que João da Silva está feliz com o novo liquidificador. Durante alguns dias, entra na cozinha, olha para o aparelho reluzente sobre a geladeira e sente a satisfação de quem acredita ter conquistado um pequeno pedaço de felicidade. O antigo liquidificador, já apelidado pela família de "liquidosauro", foi doado a um parente. O novo ocupa agora o lugar de honra.

Mas há uma pergunta que permanece. Por que um simples eletrodoméstico foi capaz de produzir tamanho encantamento? Ou um novo celular, uma nova televisão, uma nova roupa?

Procurei mostrar como Karl Marx chamou esse fenômeno de fetichismo da mercadoria: quando as coisas deixam de ser apenas objetos úteis, são cultuadas, desejadas e, possuídas, trazem felicidade, prestígio e realização pessoal.

Mas a reflexão de Marx não termina aí. Para compreender por que João acredita tão profundamente nessa promessa, precisamos conhecer outro conceito fundamental da análise marxista: a alienação.

Imaginemos agora que João trabalhe numa fábrica de móveis.

Todos os dias acorda cedo, veste o uniforme e ocupa o mesmo posto na linha de produção. Durante horas repete o mesmo movimento. Aperta parafusos, fixa dobradiças ou lixa uma única parte de um armário que talvez nunca veja completamente montado.

Ele não é dono da fábrica, das máquinas, da madeira nem dos moveis que faz. Ao final do expediente, João volta para casa levando apenas o salário recebido pela venda da única mercadoria que realmente possui: sua força de trabalho.

Marx chamou essa experiência de alienação.

Para entender melhor esse conceito, vale recordar como era o trabalho antes da Revolução Industrial. Um artesão que desejasse fabricar uma mesa escolhia a madeira, preparava-a, cortava, montava, lixava e

vendia o móvel pronto. Era dono da sua oficina, das ferramentas, da matéria-prima, dono da sua força de trabalho, do conhecimento e do produto. Quando olhava para a mesa, reconhecia nela o resultado de sua inteligência, de sua criatividade e de suas mãos.

Na fábrica moderna, essa relação desaparece. João não fabrica uma mesa. Fabrica apenas um pequeno fragmento dela. Repete o mesmo gesto centenas de vezes por dia. O produto terminado sai da fábrica sem que ele o reconheça como fruto de seu trabalho. O móvel pertence ao proprietário da empresa. João pertence apenas ao relógio que marca o início e o fim da jornada.

Gosto sempre de recorrer à origem das palavras. Alienação vem do latim *alienum*, que significa o outro, o alheio. No Direito, alienar um imóvel significa transferir sua propriedade. A casa é sua, você a aliena, ou seja, você passa a propriedade da casa para outrem. Se você financia um carro, num banco, o documento vem no seu nome, mas está escrito alienado e permanece alienado até que seja totalmente pago. Até mesmo a palavra "alienígena" designa aquele que vem de outro mundo. Em todas essas situações existe uma ideia comum: algo deixa de pertencer a quem parecia ser seu dono.

Alienação significa, portanto, o ato ou efeito de se tornar alheio, desligado ou separado de algo ou de si mesmo. Na Psicologia fala-se em alienação mental ou perda da razão e perturbação psíquica. Machado de Assis, em *O Alienista*, utilizou a palavra num sentido ligado à loucura. No conto, ele satiriza a sociedade e a ciência da época, usando humor e ironia para questionar a loucura, a ciência e os limites da razão.

Foi exatamente essa palavra que Marx utilizou para explicar o trabalho na sociedade capitalista. O trabalhador torna-se estranho ao produto que produz. Estranho ao próprio trabalho. Estranho aos colegas, transformados em concorrentes. E, pouco a pouco, estranho até a si mesmo.

O trabalho, que poderia ser uma forma de realização humana, transforma-se apenas num meio de sobrevivência.

Essa análise nasceu da observação da realidade do século XIX, mas continua surpreendentemente atual. Quantas pessoas passam anos realizando tarefas repetitivas, sem qualquer participação nas

decisões, sem conhecer o destino do que produzem e sem encontrar sentido naquilo que fazem? Trabalham para viver, mas muitas vezes terminam vivendo apenas para trabalhar.

O conceito de alienação foi, mais tarde, ampliado para além da economia. Falamos também de alienação política, quando as pessoas acreditam não ter qualquer influência sobre as decisões que afetam suas vidas, ou seja, não têm interesse ou capacidade crítica em relação aos assuntos políticos. Envolve a abstenção de voto, além do uso de votos brancos e nulos sem uma motivação política consciente,

Falamos de alienação social quando as pessoas aceitam como naturais desigualdades que foram historicamente construídas. O indivíduo se torna alheio à realidade, aos outros e a si mesmo, perdendo a capacidade de refletir criticamente sobre o seu papel na sociedade. E falamos de alienação ideológica quando deixa de pensar com autonomia e passa apenas a repetir ideias produzidas por outros.

Marx lhe deu outro significado. Para ele, alienado não é quem perdeu a razão. É quem perdeu o controle sobre aspectos fundamentais da própria existência sem perceber que isso aconteceu.

Voltemos, então, ao nosso personagem. João acredita que trabalha para comprar um liquidificador. Mas talvez trabalhe muito mais do que gostaria para adquirir objetos que logo serão substituídos por outros, ainda mais modernos. A felicidade prometida pela publicidade dura pouco. Surge um novo modelo, um novo desejo e o ciclo recomeça.

O trabalho deixa de ser um fim em si mesmo. Transforma-se apenas no meio para consumir. E o consumo passa a ocupar o lugar da realização pessoal.

Marx nos convida, então, a fazer uma pergunta que permanece atual.

Se já não nos reconhecemos plenamente naquilo que produzimos, se trabalhamos apenas para consumir e consumimos para continuar trabalhando, até que ponto continuamos sendo verdadeiramente donos da nossa própria vida?